



SEMANARIO
DE
ARTES E
LETRAS

Director e proprietario—J. PEDROSO AMADO
Chefe de redacção—VALENTIM T. COSTA E SILVA
Editor—ERNESTO ZENOGLIO

ASSIGNATURA

PORTUGAL E ILHAS	
3 MEZES	Rs. 800
6 "	" 1600
12 "	" 3200
ESTRANGEIRO	
3 MEZES	Rs. 900
6 "	" 1800
12 "	" 3600

PREÇO AVULSO

30 RÉIS

—|+|—

Redacção e Administração
Passarelle do Elev. de S. Justa-R
LISBOA

Composição e Impressão
Offic. Illustração Portuguesa
Rua do Seculo, 43

À constancia se deve toda a gloria.

LUIZ DE CAMÕES.



Camillo Castello Branco

OFFICINA DE ILUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA

Camillo Castello Branco

A ignorancia é um predicado congenital e pôde ser inoffensiva; a calunnia é uma arteirice violenta e nunca deixa de ser malevola.

C. CASTELLO BRANCO.

O nosso collega da imprensa diaria, *Republica*, na ultima terça-feira, recordando ainda a passagem dos congressistas de turismo por este lindo rincão de terra portugueza, refere a palestra de um dos seus redactores com um francez, com quem peregrinára por essas ruas em fóra, a mostrar os nossos monumentos, as estatuas dos guerreiros, do dador da Carta, de Manoel Pinheiro Chagas e de tantos poucos outros que no marmore não mereceram á nossa desvulgar apathia, a sombra de uma apothese.

Já quando se despediam, o cicerone um tanto envergonhado do ridiculo numero de consagrados, o francez desfecha-lhe de subito, tendo na phrase arrastada de esplendida amabilidade gauleza, a *reproche* de um esquecimento, em que alinhamento da capital se encontrava o busto de Camillo Castello Branco.

O nosso compatriota, estamos certos, sentiu n'esse momento toda a ancia de um alcapão que o tragasse, e a medo, como quem profere uma blasphemia, confessou que não existia na primeira cidade do Paiz, n'aquella a que chamam o caes da Europa, onde aos olhos atonitos dos que nos visitam, lançamos o convento dos Jeronymos, a basilica da Estrella, a casa do Contestavel, a porta de Martim Moniz, finalmente todo o padrão granítico de uma grande raça, um busto, uma pedra vulgar, u na lapide marchetada a ouro, onde se perpetuasse a memoria do mais primoroso e vernaculo prosador que em Portugal existiu no seculo XIX.

E entretanto, não existe portuguez, semi lido, que pelo menos não tenha bebido com admiração e com o coração contrahido a prosa esplendida, a fertilidade cerebral que dimana do *Amor de Perdição* e da *Caveira da Martyr*.

Estamos dentro da nossa orientação jornalística.

A *Republica* lembra que no dia 1 de junho de 1890, o mestre, o maior de todos, na cegueira que a sciencia declara incuravel, fizêra voar os miolos, desfechando contra si um revolver.

A *Vida Artistica*, acompanha a sua irmã, na propaganda em prol da paga de uma divida de honra ao mais fecundo prosador, que nos ultimos tempos nos foi dado possuir.

Suivons la.

COSTA E SILVA.

Actor Augusto Rosa

Não é verdade que o actor Augusto Rosa tenha adoecido de uma febre typhoide. A febre de que foi accommettido, chegou, segundo os ultimos telegrammas do Porto, a 37°. O distincto artista tem sido muito visitado.



A *Serva Padrona*, de Pergolese, no theatro da Trindade,—uma noite de arte para alguns, uma massada para outros,—quem foi Pergolese, a *Serva Padrona*, guerra de partidos—A festa artistica de Mauricio Bensaude.

N'esta nossa capital onde uma festa verdadeiramente artistica é um facto rarissimo, o cantar-se no theatro da Trindade uma obra do valor da *Serva Padrona*, de Pergolese, é um caso para pensarmos se estamos em sonho, pois o facto é de tal ordem que n'outra coisa não podemos pensar. Foi uma noite d'arte para alguns, principalmente para aquelles, que no nosso meio, se interessam por toda a manifestação artistica, mas para as restantes, que apenas acham deleite nas *revistas* e no *Sonho de valsa*, e que vivem completamente alheios a tudo que é verdadeiramente bello e que a vinda a este mundo de Pergolese tem menos valor que a do *tendeiro* que móra defronte,



Mauricio Bensaude

para estes, a noite foi d'uma grande massada! E, coitados, damos-lhe razão, onde é que o nosso publico se educa musicalmente? Onde é que se realisam todas as semanas conferencias educativas sobre a arte de Beethoven? Cai? de repente na frente d'este publico obras como a *Serva Padrona*, de Pergolese, *Fidelio*, de Beethoven, ou qualquer de Gluck, Mozart, etc., sem possuir a menor parcella de educação musical, francamente é para ficar sem perceber nada ou então a dormir, o que será mais agradável.

Mas isto é prégar no deserto; cuidar da Arte a sério no nosso paiz é synonymo de *ser-se maduro* e não ha remedio a dar-lhe, por isso o melhor é passarmos adiante... abandonarmos as considerações e falarmos de Pergolese.

Giovanni Pergolese viveu pouco tempo, 26 annos apenas, pois nasceu em Jesi em 1710 e morreu em 1736. Fraco, de saude deõil, minado pela tísica de que falleceu, Pergolese revelou sempre uma alma vibratil, o seu talento desabrochou com um crescente admiravel e o seu nome tornou-se immortal! De toda a sua obra duas peças ficaram: uma bafejada pela luz dourada da

Fè—o *Stabat Mater*, a outra illuminada pela graça, pelo riso, pelo espirito—a *Serva Padrona*.

A peça *Serva Padrona* foi escripta pelos fins do anno de 1731, alcançando um successo louco e dando origem á conhecida *guerre des bouffans*.

Houve dois partidos, Luiz XV e *madame* de Pompadour que tomaram o partido da musica franceza, o da rainha, da musica italiana. Cada recita era uma batalha de ditos, chegando-se ao vivo insulto. Foi uma guerra musical que ficou vinculada no seculo XVIII, n'essa epoca das tempestades musicaes como lhe chamou Arsene Houssaye.

A festa artistica do illustre artista Mauricio Bensaude, revestiu-se d'um raro brilhantismo, já pelo nome que este barytono gosa no nosso meio, já pela primeira representação em Portugal da *Serva Padrona*.

A musica, com todo o sabor a Mozart, é d'uma feitaura toda cheia de delicadeza, especialissimos todo o 2.º acto que contém trechos sublimes.

O desempenho foi magnifico por parte de Mauricio Bensaude, Julietta Bensaude e actor Gomes, que foi d'um comico admiravel.

O resto do programma foi preenchido com o duetto do *Rigoletto*, que foi muito applaudido, e com trechos executados por Benetó, *mademoiselle* Silva, e um artista novo para nós, o sr. Figueiras, violoncellista brasileiro, que nos agradou por completo.

Os maestros Luiz Filgueiras e Loriente concorreram para o brilhantismo da festa.

Abriu o espectáculo por uma conferencia sobre Pergolese feita pelo illustre homem de letras Augusto de Lacerda, que durante meia hora entreteve o escolhido auditorio com a sua palavra e estylo brilhantes.

Mauricio Bensaude foi muito cumprimentado no seu camarim.

E agora um pequeno alvitre. Não seria uma boa idéa fazer cantar no Porto e em Coimbra a *Serva Padrona*?

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

BIBLIOGRAPHIA

A «Geração Nova»

Se bem que a caracterise um certo ar de *blague*, com a nossa epigraphe pretende Veiga Simões denunciar a existencia d'uma familia de artistas, que não são das nossas relações pessoases, mas que, evidentemente, algo valem, se existem.

E' ponto assente, portanto, que não discutiremos agora, se ha ou não de verdade, uma geração nova. Interessa-nos, apenas, em o referido livro, as afirmações de Veiga Simões, por isso que se referem ellas ao nosso ponto de vista de arte.

E aqui começam já as nossas difficuldades:

Veiga Simões não é o typo vulgar do sr. *litterato*, possuidor de vastos talentos e muito mais vastos reclamos, que escreve um livro, como muito bem poderia tomar um café, acamaradando á má lingua, nos intervallos de o saborear.

O seu livro é, sem duvida, trabalho de larga ponderação, com muito de pessoal em materia de afirmativas transcendentales.

Ora, este facto, leva-nos a reduzir ao minimo a nossa apreciação,

Se se tratasse de uma obra das taes da nova geração, a coisa cífava-se em dizer duas palavras a proposito do supradito talento, rebuscando nas nossas intimidades com o vocabulario, um ou outro qualificativo de aromba, com dois ou tres pontos berrantes a destacar o artiguelho, á laia de luminarias.

Mas, porque se trata de obra pensada e realisada com grande dispendio intellectual e muita consciencia do propr'o valor, esgaravatam-nos cá dentro uns restos de escrupulo litterario, que nos determinamos pelo referido proposito de, ao de leve, apenas chamar a attenção publica para trabalho assim de lér e meditar.

Veiga Simões, ao referir-se á tal nova geração, não estardeia nomes e obras apenas:

O seu intuito, mesmo, parece mais levantar discussão sobre as modernas theorias em todos os campos de arte, do que reclamar camaradas n'um encapotado convite ao elogio mutuo, como é vulgar hoje fazer-se.

Ora, é propriamente esse intuito que valorisa a obra e a impõe á nossa admiração, por não ser costume dos auctores cá da terra, ter intuitos na obra,—senão um—de vender a dita.

A *Nova Geração*, é, pois, um livro que apparece muito distanciado, pelos processos do seu auctor, dos que todos os dias se lançam ao mercado, e que veem, nem mais nem menos, denunciar que os cerebros, melhor, cabeças, que os conceberam, andam ainda com os olhos postos n'alguma nesga de poente, que do seu quinto andar divisam e os inspira.



Uma idéa, porém, nos occorre, e, para rematar, dil-a-hemos:

A *Nova Geração*, comquanto eleve á categoria de auctor muita creança bonita, é certo que não apertará as relações do seu auctor com os litteratos que tão benevolmente elogia.

E porque?

Pelo que acima dissemos:—ser obra de incontestavel valor, que arremessa um nome para o primeiro plano da consagração.

Alfredo Pinto (Sacavem)

Quem ha por ahí, no meio musical, que não conheça ou aprecie, a cultura d'esse bello moço, modesto, mas muito artista, cujo nome encima estas palavras? Sem a pretensão balofa de quem nada vale e muito o quer, Alfredo Pinto, tem enriquecido a litteratura musical com alguns ivros, como a *Miscellanea*, onde como n'um animatographo prepassam figuras de destaque n'um meio de eleição.

Po's, mais um novo livro, interessante pelas palestras que encerra, com musicos de primeira plana, onde opiniões trocadas muito devem satisfazer os conhecedores do *metier* vem augmentar a sua bagagem litteraria.

Pinto evidencia quanto póde um raro e



aturado estudo a que preside uma orientação deveras fóra do que vulgarmente encontramos.

Pilar Marti

Mais uma vez nos veiu visitar esta graciosa *triple* de zarzuela, uma artista de excellent cotação em Hespanha, onde trabalha em theatros de 1.^a ordem, e que em Lisboa tem de anno para anno agradado cada vez mais. O seu talento impõe-se, a sua extraordinaria vivacidade communicase ao publico, e perante um sorriso dos seus não ha magoas que resistam, nem tristezas que não desapareçam.

Pilar Marti tem, nos seus successivos contractos, uma bella manifestação de quanto o publico lhe quer, estimando-a como se portugueza fosse, prestando-lhe as manifestações que só dispensa aos seus grandes idolos. Realmente bem o merece a intelligente artista, que procura variar o seu trabalho de modo a dar-nos uma medida perfeitamente exacta do seu talento nativo.

Faz com o mesmo rigor historico a *Galita Blanca* ou o *Conde de Luxemburgo*. Além de tudo o mais, Pilar sabe vestir não só com extraordinio luxo como ainda com bom gosto.

Na ultima peça, de que atraz falamos, apresentou-nos Filar Marti, tres lindos *toilettes*, como grande novidade, vestiu o



terceiro acto da celebre operetta de Lehar, de saia-calção, como se vê da gravura que hoje orna as paginas da *Vida Artistica*.

No dia em que perder a voz a Pilar deixará de ser uma *estrella* de zarzuela, mas tem já garantido o seu futuro no vasto e por vezes arido campo da alta comedia, onde tem posto o seu talento a bem rudes provas, cabendo-lhe sempre o prazer da victoria.

Na *Fresa*, mais uma alta comedia que uma zarzuela, portou-se como uma bella artista de comedia dando uma interpretação muito leve ao seu escabroso papel, de modo a tornar a peça a poder ser ouvida por senhoras, o que aliás não succederia se a artista não visse a personagem por aquelle prisma.

E' de crér que, enquanto Pilar Marti quizer, venha a Lisboa, pois o publico tem-lhe sincera estima, e peça em que não tome parte é um valioso elemento que falta ao desempenho.

E' porque desapareceu de scena o seu lindo olhar de hespanhola de um chiste de encanto e atrevimento, que subjuga mas... intimida tambem.

LU. PAL.



DE LISBOA

Gymnasio
Rosa de Andrade



Reapparece no proximo dia 20, esta popular actriz que durante alguns annos fez parte da companhia d'aquel'e theatro.

Em recita unica representa a comedia *Vinte dias á sombra* em que Rosa de Andrade desempenha um dos primeiros papeis.

Chronica provinciana

Porto, 23 de maio de 1911.

Meu amigo—O promettido é devido, lá o diz o velho rifão, tão portuguez como muitos outros de que nos servimos quando precisamos mostrar a logica das nossas convicções ou segurança do nosso acerto. A despretenção com que escrevo estas chronicas para a *Vida Artistica*, não é de molde, como se vê, a larga analyse da vida da invicta, e pena tenho que não possa dar mais desenvolvimento a assumptos que dia a dia se desenrolam n'este Porto trabalhador por excellencia e patriota por convicção. Nada ha mais grato do que vê

como os portuenses lutam pelo engrandecimento da sua terra. E hão de conseguir o que desejam, é uma questão de tempo. E para prova d'esta asserção basta attentar na transformação que se tem operado ha annos para cá. Os melhoramentos introduzidos na capital do norte são de uma importancia tal, que a todos se impõe, porfiando os seus homens mais illustres em dotar o Porto com todas as innovações que a moderna civilisação aconselha.

Divagando um pouco sobre o que tenho observado por aqui, e com satisfação o registó, porque é sempre digno de nota especial tudo quanto representa engrandecimento manifesto de trabalho e intelligencia, deixe-me dizer-lhe, meu bom amigo, alguma coisa da companhia e dos espectaculos do theatro Agnia de Ouro, que os artistas do Gymnasio, de Lisboa, aqui tem realisado. A época, ou por outra, o mez escolhido foi mau.

Quem tem levado as lamas é a companhia do Republica.

As casas sempre cheias, o agrado crescente do repertorio e desempenho, os nomes illustres á frente de um grupo de artistas que timbram em honrar a sua qualidade de profissionaes honestos, tudo isto é de molde a chamar ao theatro Sá da Bandeira, antigo Principe Real, uma multidão sequiosa de vér como se trabalha no palco. E isto é todas as noites. A temporada no Porto da companhia do Republica tem sido brilhantissima, já debaixo do ponto de vista artistico, como financeiro.

A companhia do theatro do Gymnasio, se não tem auferido os lucros que seria para desejar com os espectaculos realisados, provém da concorrencia que lhe faz a companhia do Republica. O publico encarreirou para ali. Em todo o caso, parece-me que o resultado final não será desanimador, se bem que não corresponda aos esforços empregados pela empresa. Nas comédias representadas, a que mais agradou foi o *Rato azul* e tambem o *Sherlock*. E' pena que a direcção da companhia esteja confiada a entidade que tem descurado por completo a missão de que está encarregada, e o resultado é vér-se o que se tem dado. Se na direcção artistica houvesse criterio, se não houvesse unicamente vaidade, certamente que a companhia do Gymnasio veria os seus espectaculos mais largamente concorridos e a empresa veria coroados com exito os seus louvaveis esforços em desejar attender a difficuldades provenientes de diversos factores.

No proximo sabbado já a companhia do *Gymnasio* ali representa a comedia *Vinte dias á sombra* e a do *Republica* sahe d'aqui para Coimbra na proxima segunda-feira, onde dará tres espectaculos.

Para dar logar a larga descripção das brilhante provas do ultimo concurso hippico, retirámos as secções «Chronica do estrangeiro», etc., o que esperamos nos seja perdoado.

Tiros certeiros

Em primeiro logar e por motivos diversos, devemos dizer aos nossos leitores, que quem está encarregado d'esta secção é apenas uma pessoa, que toma completa responsabilidade de tudo quanto escreve, bem como, tem simplesmente por unica divisa a verdade nua, embora essa verdade muitas vezes toque mais de perto ou de longe este ou aquelle, e, por isso, não seja bem accete.

Vamos ao caso:—um cavalheiro que se assigna R. A., (o que já não é bonito) e diz ser de Setúbal, diz-nos que, nos n-ssos artigos anteriores, só atacamos os artistas pequenos, que não tocamos nos grandes e que nada dizemos dos ensaiadores, que são os mais culpados, no seu entender. Vamos responder ao sr. R. A., mas pedimos o favor de, para a outra vez que tenha de se nos dirigir, indicar o seu nome por extenso.

Nós, não fizemos, nos nossos artigos anteriores, selecção alguma; falámos sobre artistas em geral, referindo-nos ás suas aptidões. Não tirámos medida, e, por isso, não sabemos se os que se feriram são grandes ou pequenos.

Com referencia aos ensaiadores, dir-lhe-hemos, simplesmente, que, quando se não dá o caso de estes serem os proprios empregarios, são uns empregados das empresas, como os restantes artistas, e, na maior parte das vezes, com os mesmos defeitos d'estes, que fazem o que muito bem lhes appetee, sem que ensaiador, gerente, ou empregario lhes peçam conta dos seus actos.

Ainda ha bem pouco tempo, representava-se n'um theatro de Lisboa uma peça que, comparando com as restantes que n'esta época se tem exhibido n'essa casa de espectaculos, agradou, e, digamos a verdade, com uma pontinha de razão, porque a peça tinha graça. Deu-se o caso de se achar n'esta capital um amigo nosso, a quem, perguntando-nos pela peça em questão, respondemos que devia ir vê-la, porque o merecia, e promptificámo-nos mesmo a acompanhá-lo. Comprou-se o camarote, que custou cinco mil réis, e eis-nos dispostos a assistir ao espectáculo com o nosso amigo portuense. Mas... oh! decepção, oh! fiasco! juramos que ficámos envergonhadissimos com o homem, pois da peça, de que dizíamos bem, foi só metade representada, no meio de uma revoltante chuchadeira; e sabem os nossos leitores porque? porque n'essa noite a concorrencia ao theatro era diminuta e os srs. *artistas* entenderam que deviam cortar a peça onde lhes conveiu, mas muito mal cortada, pois até para isso mostraram a sua incapacidade, e não valia a pena estar com muito trabalho para meia dúzia de espectadores!

Damos a nossa palavra de que isto é uma pura verdade, ouvimos-a nós da bocca dos srs. actores.

Agora, digam-nos os srs. empregarios, gerentes, ensaiadores, artistas, enfim, todos quantos no theatro nos possam explicar, se quem paga por cinco mil réis um camarote n'um theatro, mas que, por infelicidade da empresa do mesmo, os espectadores são poucos, tem ou não o pleno direito de assistir ao espectáculo completo, como se a casa estivesse á cunha? Que culpa tem o sempre desgraçado espectador da pouca concorrencia?

Achamos até que, se houvesse um bocado de comprehensão, os artistas deviam, em vista da pouca concorrencia, esforçar-se por trabalhar melhor, para que de futuro ella augmentasse com o reclamo que os pcos d'essas noites fizessem cá fóra.

E' isto, que muitos não gostam de ouvir, e n'esta conta entram alguns artistas, que,

attendendo ao tempo que tem de theatro, deviam ter por elle mais um pouco de respeito e amor!

São esses que, aind ha um mez, nos chamaram «patetas»! Seremos patetas, seremos, por estarmos a pregar n'este deserto, mas, o que garantimos, é que não nos calaremos e nunca nos cançaremos de dizer a verdade, que infelizmente, tão poucas vezes se escreve.

J. PEDROSO AMADO.

Oh! que cheiro a sovacos que ha n'aquelle palco do Republica.

—Dizem que o Alegrim, lá fóra, traz o nariz roxo; aquillo é dos constantes banhos; elle é cada quartilho!

—E a companhia do Gymnasio a ter que alugar um wagon para o Cardoso? Pois elle não tem feito senão comer e dormir!

—A guarda do theatro Apollo é formada por carpinteiros, commandada pelo Carlos Leal. Já tem sido preciso sahir formada.

—O' Carlos Candeira, já escangalhas-te por ahí algum trabalhinho?

—O' Raphaela, olha que por causa d'isso, tem morrido muita gente.

—E' verdade, agora por Raphaela, já ha muito tempo que não vêm os a Sophia Guerreiro!

—Ha por ahí alguém que queira ser actor para a proxima época? E' entrar!

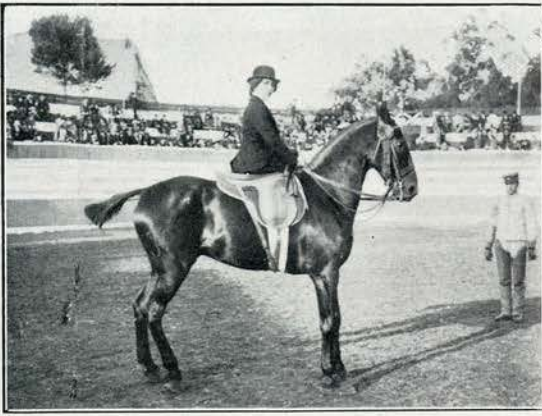
Grande Concurso Hippico Internacional

Ao entrarmos no antigo Velodromo de Palhavã, para assistirmos ás primeiras provas do concurso hippico, ficámos completamente satisfeitos pelo aspecto soberbo que o campo nos apresentava; coroa aquella ellipse; que outr'ora foi testemunha das mais arrojadas provas velocipedicas que entre nós se tem dado uma numerosa assistencia em que predominava os vultos elegantes de muitas das mais bellas mulheres de Portugal. Pena era, que o tempo nos fizesse a pirraça de se conservar nubia-do, e que pouco depois de começar as provas uma chuva torrencial se viesse despenhar, sob quem tinha o maior interesse em presenciar um espectáculo que tudo fazia prevér digno do entusiasmo que no nosso publico sempre desperta tudo o que com hippismo se relacione, pois não soffre duvida que este ramo de sport em que se revela energia, coragem e conhecimentos da antiga arte de Marialva que tão tradicional nos é, inspira sempre entre nós o carinho que devemos a tudo quanto representa o nosso glorioso passado.

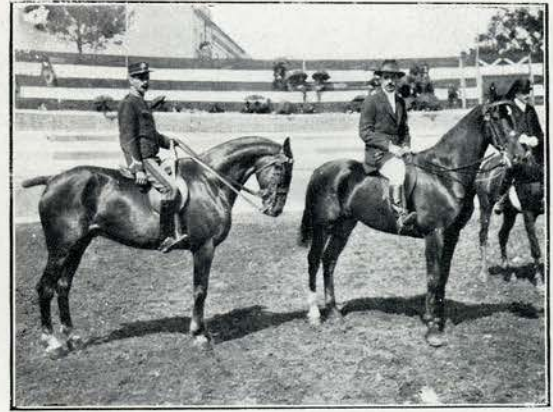
A primeira prova que se disputou n'este concurso foi a «Ensaio» ganha pelo sr. capitão André Reis no cavallo argentino «Alvear» fazendo o percurso em 47" seguindo-se-lhe na classificação o alferes N. Sousa, no «Miss-Katy», em 50" 6/15, terceiro, o tenente Callado no «Eclatante», em 51" o quarto, alferes Santos Guerra, no «Turino», em 52"; quinto, o aspirante Ramires, no «Gallião», em 53"; sexto, o alferes, J. Mendonça, no «Sultão», em 55"; sétimo, o tenente Callado, no «Vulcano», em 55; e oitavo, o aspirante Luna, no «Pimpão», em 55".

Os premios para esta prova eram: 80\$000 réis, 40\$000 réis, 30\$000 réis, 20\$000 réis e 4 laços respectivamente.

A prova «Omnium» que estava marcada para se effectuar no primeiro dia não se poudo realisar por causa da chuva, ficando marcada para o dia seguinte depois de ter sido classificado em primeiro logar na prova «Apresentação de cavallos ou eguas de tiro» a parelha pertencente ao sr. Joaquim de Sotto Maior, e um cavallo só, pertença, do sr. Joaquim Monteiro.



A amazona D. Maria Reis



O sr. André Reis, vencedor da prova d'ensaio e o sr. Jayme Alto Mearim na apresentação de montadas

A prova «Omnium» é ganha por Luiz Faro no cavallo «Lamarca»

A chuva que no primeiro dia não deixou continuar as provas, abandonou-nos um pouco no segundo, decorrendo estas com bastante entusiasmo ainda que com menor assistência.

A classificação geral n'este dia, deu o seguinte resultado:

Começaram pela apresentação de cavallos e eguas de sella e estrangeiros sendo o primeiro premio, 50\$000 réis, conferido ao «Farinello», do sr. J. Alto Mearim; o 2.º, menção honrosa á egua «Flirt», do capitão A. Queiroz; e laços ao «Saint-Hubert», do principe Capece; «Xerife», do sr. J. Sotto Maior; ao «Eclatante», do sr. Jorge Graça; ao «Relampago», do sr. Francisco Pacheco e ao «Blece-Bird», de mr. Raymond.

Na prova «Omnium» classificaram-se os cavalleiros d'esta fórma:

- 1.º premio, o premio do Governo e réis 200\$000, aspirante Luiz Faro, no «Lamarca».
- 2.º premio, réis 120\$000, tenente Manuel Latino, no «Boby».
- 3.º premio, réis 80\$000, tenente Casal Ribeiro, no «Grantois».
- 4.º premio, réis 50\$000, tenente Jara de Carvalho, no «Jau».
- 5.º premio, réis 30\$000, tenente Silveira Ramos, no «Scott».
- 6.º premio, réis 30\$000, capitão André Reis, na «Florette».
- 7.º premio, réis 30\$000, alferes Delphin Maia, no «Raffles».
- 8.º premio, réis 25\$000, tenente Julio de Oliveira, no «Ariosa».
- 9.º premio, réis 20\$000, tenente Manuel Latino, no «Petit d'Or».

Laços ao principe Capece Zurlo, no «Saint Hubert II»; ao tenente Cifka Duarte, no «Cometa» e a mr. Paul Larregain, no «Sans Souci.»

N'estas provas o unico percurso «limpo» de faltas, foram os de Luiz Faro e Manuel Latino, que conduziram com a maior correção as suas bellas montadas.

Na prova Grande premio de Lisboa ganha o primeiro premio o sr. Jayme Alto Mearim

Era esta a prova mais importante do concurso e os nossos cavalleiros mostraram-se habilísimos, tendo-lhe o publico dispensado calorosos applausos que foram justissimos, attendendo a que se fizeram percursos com mestria e conhecimento.

A classificação, geral deu o seguinte resultado:

O vencedor foi o sr. Jayme Alto Mearim, que montava a egua «Clematite», ficando a seguir na classificação, respectivamente o 2.º, tenente Silveira Ramos, no «Scott»; o 3.º, aspirante Luiz Faro, no «Lamarca»; o 4.º, tenente Jara de Carvalho, no «Jau»; o 5.º, alferes J. Mendonça, na «Elsa»; 6.º, principe Capece Zurlo, no «S. Hubert II»; 7.º, Paul Larregain, na «Vellada»; 8.º, J. Moraes, na «Dora»; 9.º, tenente Latino, no «Roby»; 10.º, alferes Granger, no «Mariola»; 11.º, alferes H. Barata, no «Albatroz»; 12.º, tenente Julio de Oliveira, no «Eclair»; 13.º, Paul Larregain, no «Sans Souci»; 14.º, tenente Latino, no «Petit d'Or»; 15.º, alferes A. Botelho, no «Velludo».

Os premios eram: 1:000\$000 réis e a taça de honra; 500\$000, 200\$000, 100\$000,

50\$000, 30\$000, 30\$000, 20\$000, 20\$000, e 5 laços.

Na prova «Discipulos» em que se achavam escriptos 10 concorrentes, obteve o primeiro premio o sr. J. de Moraes, da Escola de Educação Physica, que montava a egua «Ithaque».

A prova «Nacional» é ganha pelo sr. A. Parreira

Esta prova em que só podiam tomar parte cavallos ou eguas nacionaes, foi muito bem disputada, sendo vencedor o sr. A. Parreira montando a egua «Serrana» que obteve o primeiro premio 200\$000 réis.

Na classificação seguiram-se-lhe:

- 2.º, 150\$000 réis, para o alferes Monteiro Torres, no «Raio»; 3.º, 80\$000, para o aspirante F. Castro, no «d'Artagnan»; 4.º, 50\$000, para o tenente Latino, no «Brutus»; 5.º, 30\$000, para o alferes Mascarenhas Menezes; no «Petiz»; 6.º, 30\$000, para o alferes A. Maia, no «Canna»; 7.º, 20\$000, para o tenente Jara de Carvalho, no «Elmo»; 8.º, 20\$000, para o alferes J. Mendonça, na «Elsa»; 9.º, 20\$000, para o alferes A. Mesquita, no «Olmonda»; 10.º, laço, para o tenente Jara de Carvalho, no «Cardiff»; 11.º, laço, para o tenente Silveira Ramos, no «Scott»; 12.º, laço, para o tenente Julio de Oliveira, no «Gaiato»; 13.º, laço, para o tenente Costa Soares, no «Atalaya»; 14.º, A. Pereira de Carvalho, no «Ermita».

Na apresentação de cavallos ou eguas portugueses ganhou o 1.º premio 50\$000 réis, o cavallo «Cardiff» do sr. Jara de Carvalho.



Um salto do cavallo BOBY montado pelo tenente sr. Latino



Um salto do cavalleiro mr. Larregain no seu cavallo SANS SOUCI

O «Percurso de Caça» é ganho por J. d'Oliveira

No programma das ultimas provas do concurso figurava o «Percurso da Caça» uma das provas mais interessantes e tambem das mais aparatosas.

O primeiro premio coube ao sr. J. d'Oliveira no cavallo «Eclair»; c assifcandose-lhe a seguir tenente Cifka Duarte, no «Ruapehu»; tenente Jara de Carvalho, no «Sweet»; capitão André Reis, no «Alvear»; alferes J. Moura, no «Zig» tenente F. Lusingnan, no «Guidatore»; tenente Cifka Duarte, no «Cometa»; tenente J. Oliveira, no «Ariosa»; tenente Callado, no «Vulcano»; tenente Latino, no «Boby»; alferes Alverca, no «All-Right»; tenente Latino, no «Brutus»; alferes H. Barata, no «Albatroz»; e tenente Jara de Carvalho, no «Cardiff».

A prova «Final» em que entravam unicamente, cavalleiros, cujas montadas tivessem ganho durante o concurso premios pecuniarios, inscreveram-se 49 concorrentes, ficando classificado em primeiro logar o sr. Jara de Carvalho.

O percurso para «Amazonas» foi ganho pela sr.^a D. Maria do Carmo Reis, no cavallo «Nero»; e na «apresentação de caruagens» de praça coube o primeiro premio ao sr. M. Gonçalves que apresentou um bello «mylord».

E assim finalisou o concurso de que a Sociedade Hippica Portugueza se pode orgulhar de ser a organisadora.

Coisas de theatro

(Continuação do numero antecedente)

Fartamente cansado de palavras, o publico fugiu para os animatographos, para as revistas. Nos primeiros satisfaz com economia e conforto o desejo quasi inconsciente que o leva ao prazer de pasmar para cousas que não verá nunca. E realmente comprehende-se que, apavorado por uma estupante these, gostosamente a varra da memoria contemplando no panninho branco os malandrins das ilhas Sandwich ou as lagunas de Kiew. Por favor,—é como quem arremeça longe o *Orphão da China*, ou outra identica maçadoria de Voltaire, para se abysmar com delicia no *Rocambole*.

Esta mania ridicula de querer educar o publico começando pelas coisas mais subteis, mais delicadas... e mais inuteis, afugentou o portuguezinho inculto que em massa se precipitou,—com um honroso suspiro de alívio—no *Estás a vêr o vicosas*, momentosa revista que ora vereis nas feiras suburbanas. E' a fallencia do senso commum depois da fallencia da arte. A primeira deve-se a esta ultima. E ficam todos ralvosos ao constatar o facto extranho; depressa se aventam projectos, rapidamente se formulam planos para evitar a decadencia, provocar o *resurgimento*. No fim de contas é tudo reclamo; ha muitissima boa vontade e pouquissimo talento. Os turbulentos insinuam com perfidia ser esta ultima causa a mais avantajada... Inveja! esses são os reprobos, pallidos, *petits créés* da litteratura. Cotação minima.

Mas, quaes serão, finalmente, as causas da decadencia do theatro portuguez? O dr. Cunha e Costa admite que, por não haver *conflictos de paixões* nem,—na nossa epoca,—uma sociedade caracteristita e perfeitamente limitada, o theatro seja amorpho, sem consistencia e sem personalidade. E' preciso, pois, um meio ou podre ou são,

mas emfim com um feito proprio, para provocar a bossa artistica. A vida social é como que um accessorio do talento, um estimulante, um *cinto electrico* para a decrepitude litteraria. Bem está. O raciocinio além de verdadeiro, é summamente habilidoso. Com esse aphorismo, tornado em epigrama, pela maneira de dizer, deu alento à *massa fallida*, parte dos auctores dramaticos sentiu-se perdoada.

Mas, realmente, nem o bello espirito do dr. Cunha e Costa poderia admitir em absoluto a verdade integra da sua maxima. Quem tem talento, tem-na sempre qual quer que seja o meio e a epoca em que viva. E' um corollario em theorema. Para quem possui a faisca, qualquer cousa serve de fusil e não se preoccupa em o escolher do melhor aço. Com tolices embrulhadas em talento fez Paulo Verlaine um nome; e Macterlink deve á sua maneira original de dizer cousas que já foram ditas, uma justa nomeada.

Entretanto, tem trabalhos pequeninos, nos esbocetos ligeiros que não aspiram a cathedra de litteratices, apparece, por vezes, a famigerada *vis* creadora que toda a gente supõe vêr com abundancia nos portuguezes. Se, para exemplificar mais concretamente, nos servissemos de factos e de nomes, viria a pello certo quadrosinho d'uma revista muito recente,—e que é, realmente, no seu genero, uma cousa perfeita. Não ha n'ella uma palavra inutil, tem a justeza de phrase, tem a simplicidade das obrinhas sem *ficelles*. Por muito incrível que isto pareça, cavalleiros, a scenasinha em questão tem character e personalidade. Ponhamos que foi um aborto, mas estes dois requisitos sem os quaes o theatro é uma maçadoria, não são de todo desconhecidos entre nós. Meteóros rapidos, concedamos, chispas que quasi morrem antes de nascer mas que, emfim, existem. Poderão objectar que esse quadro nasceu precisamente de um *conflicto de paixões*; ninguém o nega. Porém outros se tentaram no mesmo genero e garraram,—o que prova não ser essa a unica condição. Coherentemente, ella é minimo.

Não haverá theatro por falta de estimulo, mas não é meños certo que elle não existe porque poucos sabem escreve-lo. Isto é irreductivel, é flagrante, vê-se a cada passo, em qualquer sitio. Como se estes males não fossem sufficientes, veio a revista abandalhal-o e desviar o publico d'elle. Chegou tudo a tal estado que perpetrar uma magica ou escrever um drama é patentear signaes evidentes de uma perversidade execravel. Pudera! Ha certos crimes abominaveis que reclamam um inferno perfeito-coado, superior a todos os inventos...

Mas o desespero grande deve provir da idéa que se está estragando, desacreditando o que ainda resta de bom e de aproveitavel. Se o merceeiro da esquina vendeu bacalhau pôdre, incide a reprovção universal sobre todos os merceeiros. A *Carmen* não agradou, logo Bizet é um triste musico. Os juizos são todos feitos com esta levezza ardilosa, varrendo tudo com brutalidade.

Em summa, não basta mondar no campo

o escalracho. Ficava inculto sem proveito. Opinam alguns que ha falta de adubo, outros que nem sequer semente existe; terceiros levam o arrojo ao ponto de afirmar,—com petulancia e descaro,—que não ha campo. Nós, para dizermos qualquer cousa, exclamaremos que não ha braços. O campo existe: é uma terra virgem, magnifica, tão boa que dá aos parasitas apparencia de plantas uteis... Mas dizei-me, por favor como é que um maneta hade pegar n'uma enxada? como é que um h memsinho de letras hade escrever uma peça?...

(Continua)

MARIO D'ALMEIDA



CAMPO PEQUENO

Com uma casa fr ca e muita falta de animação e de arte, realisou-se no domingo passado a 6.^a corrida da epoca.

Cadete, que estava incluído no programma, foi substituído pelos seus collegas Alexandre Vieira e Malagueño, visto não se conformar com o detalhe da corrida.

E' ás empezas que compete organizar os programas, e não aos artistas, pelo que sr. Cadete nada tinha que reclamar e demais o publico nada tem que vêr com as suas imposições, nem se pode conformar com que elle se não conforme.

Com respeito á lide, pouco ha a dizer, visto que o gado, que pertencia ao lavrador Antonio Luiz Lopes, com ferro de Pancas, era mais proprio para a charrua do que para a arena, com excepção do 4.^o que cumpriu.

José Bento, que reaparecia n'esta epoca, nada pode fazer nos dois touros que lhe couberam, visto a sua nenhuma bravura, principalmente o 1.^o que se defendia com esperteza, encostando-se ás taboas, e d'ali não arrancava.

Morgado de Covas fez um toureio visto-so, mas pouco artistico; principalmente no 4.^o, o melhor do curro, como já disse. Se o tem aproveitado mais intelligentemente, visto o animal se prestar para todas as sortes, não abusando da sorte de garupa, que só em ultimo recurso se utilisam, teria d'ido um toureio muito mais brilhante e artistico; no emtanto cravou dois ferros á *meia e lta* regulares e um curto aceitavel.

Graona nada fez de geito e além d'isso muito mandrião. Com bandarilhas um cambio soffrivel, meio par descaído e mais não disse.

Com a *muleta*, não obstante lutar com o vento e as más qualidades dos inimigos, esteve uma desgraça, não só como artista, mas mostrando pouca vontade em trabalhar, pois reclamava logo o estoque depois d'uns brevissimos passes.

Uma vergonha!

Dos nossos artistas ha a salientar um par a quarteio, o melhor da tarde, posto por Vieira, que tambem deu um bom salto de vara, e uma *gaiola* muito regular feita por Theodoro. Dos restantes nada houve digno de referencia.

Pégas houve tres, feitas, respectivamente, pelos forcados Mocadas, no 5.^o touro, a quem couberam as honras da tarde, vi to ter feito uma esplendida e rija péga, aguentando-se nos successivos derrotos com grande valentia, sendo calorosamente applaudido; Fressura, no 7.^o touro, e Antonio da Taberna no 10.^o touro, mas todas ellas sem ajudas a tempo; em consequencia dos forcados nunca se encontrarem nos seus devidos logares. Direcção acertada.

MARIO NOGUEIRA.

THEATROS

Republica

Explendidos e variados espectaculos pela companhia de zarzuela.

Theatro do Gymnasio

Reaparição da companhia, hoje, 27, com a comedia *Surpresas do Divorcio*.

Apollo

Sempre a *Agulha em Palheiro*, que nunca mais sae do cartaz; e está feito o reclamo.

Colyseu dos Recreios

Companhia de variedades na qual toma parte a celebre transformista Fatima Miris.

Paraiso de Lisboa

Sessões permanentes de animatographo fallado.

Variedades

Dois bellos espectaculos por noite com a chistosa revista *Pó de Perlimpimpim*.

Chalet Avenida

(Feira d'Alcantara)

Enchentes todas as noites com a revista *Está certo* que tem obtido enorme successo.

Chalet Julia Mendes

Está escripto que a revista *Co-luido e volteado* é peça para durar, o que não admira, attendendo á fôrma como está apresentada e ao desempenho.

Animatographos e variedades

CINE PALAIS — (Feira d'Alcantara), sempre estreias sensacionaes.

SALÃO FOZ — Espectaculos variados todas as noites.

SALÃO AVENIDA — Tem tido enormes enchentes com a engraçada operetta *Sachrista encruvado*.

CHIADO TERRASSE — Soirées variadas todas as noites.

OLYMPIA — Concertos.

SALÃO IDEAL — Animatographo e variedades.

SALÃO DA TRINDADE — Programmas sensacionaes

CHANTECLER CHALET — (Feira d'Alcantara). Estreias todas as noites.

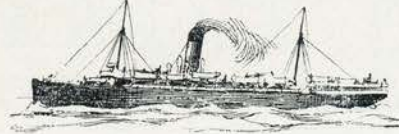
JARDIM ZOOLOGICO (Exposição permanente)

AQUARIO VASCO DA GAMA (Dátundo)

Aberto todos os dias.

Vestidos de senhoras e crianças
LAVA, LIMPA E TINGE
TINTURARIA CAMBOURNAC
10, Largo da Annunciada, 10
Rua de S. Bento, 175-A
LISBOA Telephone 562

Empreza Nacional de Navegação



O vapor PRINCIPE

Sae do Caes do Jardim do Tabaco, no dia 27 do corrente, para Praia, Fogo, Brava, Tarrafal, Maio, Boa Vista, Sal, S. Nicolau e Santo Antão.

Recebe carga por mar e terra no dia 26.

Para qu'esquer esclarecimentos, trata-se nos escriptorios da Empreza.

85, Rua do Commercio — LISBOA

Bico Modelo

DE JOÃO GALVÃO

Artigos de iluminação para Gaz e Electricidade

Lusires e candieiros, retretes, autoclismos, urinoes, lavatorios, bidets, siphões e banheiras.

Instalações d'agua, gaz e electricidade.

70, RUA IVENS, 70
(Proximo do Chiado)

LISBOA

LUZ ELECTRICA

J. A. LEITÃO

129, Rua do Salitre, 131, LISBOA — Telephone 2623

Construções e installações electricas, força motriz, apparelhagem electrica e seus accessorios, motores-dinamos para corrente continua ou alternada, lampadas de incandescencia de todas as qualidades, lampadas de filamento metalico, arcos voltaicos, resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão, ventoinhas e aparelhos para aquecimento, telephones, campainhas, para-raios, etc.

REPAPAAÇÃO DE TODO O SYSTEMA DE GERATRIZES OU ELECTRICO-MOTORES ORÇAMENTOS GRATIS

Rapida execução em todos os trabalhos — Modicidade em preços

OFFICINAS E DEPOSITO — Rua do Salitre, 129

Garage

Estephania

107-109, R. José Estevam, III-III3
LISBOA

Automoveis de aluguer da reputada marca FIAT. Taxímetros, luxuosos e com chauffeurs fardados

Telephone 2698

Antonio R. dos Santos Eloy

ESTOFADOR

DE

Carruagens

E

Automoveis

538, Rua de S. Bento, 538

LISBOA

ENCAERNADOR-DOURADOR

Papelaria, Typographia e Artigos Religiosos

220, Rua Augusta, 222

Telephone 2089

Maulino Jereira

Succursal das

Officinas

de encadernação

movidias a vapor

92, R. N. da Trindade, 92

TELEPHONE 1495

Vinhos e Azeites

JOÃO LUIZ AFFONSO

Travessa da Trindade, 20-22

Vinho Verde de 1.^a qualidade
Azeite de Castello Branco muito fino
Vinhos finos e licores

Casa 5 de Outubro

232, R. DA MAGDALENA, 234

(Em frente á Rua da Bottega)

De que é proprietario MANUEL VIEGAS FACOR

Azeites de Castello Branco, manteigas da Ilha da Madeira, vinho tinto do Livramento, palheto (exclusivo da casa). Todas as encomendas se enviam a casa dos freguezes.

Automoveis recommendados

PARA ALUGAR NA PRAÇA

ROCIO

Automovel n.º 875 — chauffeur — Accacio de Paiva
787 — — — João Carujo
987 — — — Antonio Paes

Serviço por taximetro em Lisboa
Serviço de theatro e baile

TELEPHONES — 2702 e 2698

LISBOA

“MERCEDÉS”

MACHINAS DE ESCREVER

A mais perfeita e resistente

RUA AUGUSTA, 75 — LISBOA

ACCESSORIOS

Reparações em todas as marcas
de machinas

Copias à mach na — Traducções
Ensino de Dactylographia

VENDAS DE MACHINAS

TELEPHONE N.º 3366 — Agencia no Porto

Depurativo Luiz Dias Amado

«Haverá, porventura, ainda cabeças óccas que acreditem que o *Depurativo Dias Amado* tem mais d'um auctor?»

A esta pergunta, aggressiva e intempestiva, — feita n'alguns jornaes d' Lisboa de ha tres dias, — respondemos com a transcripção de quatro qüestitos apenas (os indispensaveis para a nossa prova) d'uma acção ordinaria julgada em tempos no Tribunal do Commercio. Eil-os :

1.º — Provou se que o auctor *Luiz Dias Amado*, estando em Coimbra a estudar o curso de *pharmacia*, descobriu uma tisana anti-syphilitica, preparado seu, de composição secreta, que tem produzido excellentes resultados em casos em que foi applicado ?

Está provado.

2.º — Provou-se que, antes do auctor levar o depurativo do seu invento para a *Pharmacia Ultramarina*, o réo não vendia ahi outro depurativo de nome e applicação equal ou semelhante, pois é certo que nunca o inventou, como allega?

Está provado.

3.º — Provou-se que o unico depurativo ou tisana anti-syphilitica modificada em depurativo que ha muito se tem vendido na *Pharmacia Ultramarina* é aquelle que foi inventado pelo auctor?

4.º — Provou-se que o réo (*Antonio Dias Amado*) nunca vendeu outra tisana ou depurativo da natureza da que foi inventada pelo auctor (*Luiz Dias Amado*)?

Está provado.

Nada mais temos a accrescentar. A resposta, clara e nitida, á pergunta acima, está dada.

Mas, se preciso fôr, falaremos em qualquer campo...

O unico deposito, em Lisboa, do LEGITIMO
DEPURATIVO LUIZ DIAS AMADO, é na

PHARMACIA ULTRAMARINA

Rua de S. Paulo, 99 e 101 — LISBOA

(Em frente do elevador da Bica)

OFFICINA DE FUNDIÇÃO
DE METAES

TÔRNEIRO E GALVANISMO

FUNDADA EM 12.6.1901

Manufatura de todas as ferragens (em metal) para automoveis, nikelagem, etalages e varões para montres, ferragens para uraas e moveis antigos, etc., etc.

Canalisações e appavelhos
para Gaz e Agua

Installações electricas

Dourar
pratear, nikelar e bronzear

ANTONIO TELLES

R. SARAIVA DE CARVALHO, 89 A 93

Armazem de viveres

73, RUA DO CARMO, 75

Generos de primeira qualidade

IMPORTAÇÃO DIRECTA

JOSÉ DA COSTA

COMPLETO SORTIMENTO
DE PRODUCTOS DO BRAZIL

Carne secca, linguas do Rio Grande
farinha de Seruhy, pimentinhas, etc.

Grande excursão em automoveis GRATUITAMENTE!!

Promovida pela brilhante revista illustrada, semanal

Vida Artistica

Offerecida a todas as pessoas que enviem
para a redacção da VIDA ARTISTICA 10 assignaturas por um anno d'esta revista, pagas adeantadamente, ou um annuncio de pagina

A excursão realisar-se-ha no dia 11 do proximo mez de Junho com um itinerario caprichosamente escolhido, havendo um esplendido almoço na Praia das Maças, offerecido pela VIDA ARTISTICA, a todos os excursionistas. Esta excursão far-

se-ha em automoveis da acreditada marca FIAT a melhor até hoje conhecida.

As assignaturas ou annuncios, pódem ser desde já remettidos e até ao dia 6 do proximo mez de Junho, para a redacção da VIDA ARTISTICA, Passerelle do Elevador de Santa Justa, Lisboa.